

Vida privada na esfera pública: narrativas de corpos e sexualidades nas redes sociais digitais

Resumo: O artigo apresenta resultados de uma pesquisa teórica em educação sobre as narrativas pessoais, especialmente aquelas que ressaltam os corpos e as sexualidades, nas redes sociais digitais. O campo teórico da investigação foi o da cibercultura e o objetivo foi analisar os múltiplos processos de virtualização das narrativas digitais, dos corpos e das sexualidades que tecem redes entre cibercultura e educação. A pesquisa teve como foco três tópicos que se completam: 1. Os processos de escrita e leitura em ambientes digitais; 2. As narrativas de si nas redes sociais digitais e 3. As narrativas de si nas redes sociais que priorizam os corpos e as sexualidades. Os três desdobramentos temáticos desenvolvidos constituem argumentos de cunho teórico conceitual para pensar os problemas selecionados e se apoiam, principalmente, na obra de Pierre Lévy, um dos principais pensadores dos modos de vida nas sociedades conectadas. O trabalho conclui que a inteligência conectiva não modifica apenas nossos hábitos de escrita e leitura, mas também os corpos, as sexualidades, nossos modos de ser, as subjetividades nos ambientes digitais.

Palavras-chave: Educação e Cibercultura; Redes sociais digitais; Leitura e escrita online; Narrativas pessoais; Corpos e Sexualidades.

Edvaldo Souza Couto

edvaldosouzacouto@gmail.com
Professor Associado da Faculdade
de Educação da Universidade
Federal da Bahia

Introdução ou o contexto da pesquisa

Ao longo dos últimos anos tem se intensificado a discussão sobre a presença generalizada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em todas as esferas da sociedade. O começo do século XXI foi marcado por um forte desenvolvimento das TIC, das ciências da computação e pelo vertiginoso incremento da rede internet, e tudo isso tem implicado em intensas modificações na forma como se vem produzindo os conhecimentos, valores, saberes e comportamentos, sobretudo no que diz respeito à (re)significação das relações entre as pessoas, impulsionada pela (oni)presença das tecnologias digitais. Diante dos renovados modos de vida na cibercultura as mídias digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano de milhares de pessoas e estão modificando e substituindo as tradicionais em uma variedade de aplicações e em velocidade vertiginosa.

São muitos os autores e quadros teóricos conceituais que tentam entender e explicar essa dinâmica e esboçar o retrato da vida contemporânea e os desafios que nela enfrentamos diariamente. Pierre Lévy foi um dos pioneiros nos estudos sobre a vida e a

educação na cibercultura. Por meio de seus estudos, conceitos como os de cibercultura, ciberespaço, interatividade, hipertexto, hipercorpo, comunidades virtuais, tecnologias da inteligência, inteligência coletiva, antropologia do ciberespaço, conexão planetária, desmaterialização e virtualização, inclusão digital, cidades inteligentes, contextos partilhados, imaginário tecnológico, mapa conceitual, noosfera, redes sociais, leitura e escrita na rede, narrativas digitais, a virtualização do corpo, a virtualização das sexualidades, dentre outros, passaram a fazer parte de muitos discursos e das análises sobre a vida atual e, com especial destaque, no campo da educação. Por este motivo a obra deste autor foi tomada como campo teórico que fundamenta a pesquisa da qual resulta este artigo.

Para enfrentar o desafio de investigar um objeto em seu pleno processo de desenvolvimento, aponto reflexões sobre o estado atual da cibercultura a partir das vivências intensas de conexão em rede de pessoas. No contexto da obra de Lévy (1999, p. 17) o ponto de partida foi a própria definição de cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

O principal argumento desenvolvido é o de que as transformações culturais, as novas condições de produção e difusão do conhecimento, a inteligência, os modos cotidianos de viver e narrar intensamente as vivências pessoais, as mutações corporais, os jogos e representações das sexualidades borbulhantes e difusas são produtos das intensas relações entre pessoas, dispositivos tecnológicos e conexões em redes. A condição da vida atual é essa do sujeito cada vez mais conectado, estimulado a falar de si, a narrar intimidades, publicizar alegremente seu eu em constante metamorfose.

O tema, questões da pesquisa e objetivos

Para desenvolver o argumento central da pesquisa, a estratégia adotada foi orientar a investigação em três aspectos que se completam:

1. Os processos de escrita e leitura em ambientes digitais. Esse item discutiu sobre a virtualização da linguagem, da escrita e da leitura, por meio da crescente digitalização dos documentos, sons e imagens. O problema principal investigado foi a desterritorialização do texto e a promoção

coletiva do hipertexto; as formas múltiplas de letramentos na internet.

2. As narrativas de si nas redes sociais digitais. Esse tópico centrou a investigação sobre os espaços de rede, especificamente nas redes sociais digitais, onde as pessoas produzem e difundem as suas múltiplas narrativas, promovem a exibição contínua de si, celebram dinâmicas coletivas de produção e difusão de subjetividades instantâneas.
3. As narrativas de si nas redes sociais que priorizam os corpos e as sexualidades. A discussão privilegiou diversos processos de construções e representações culturais dos corpos e das sexualidades nos domínios da rede. O argumento principal foi o de que, na cibercultura, a inteligência coletiva não modifica apenas nossos hábitos de escrita e leitura, mas também os corpos, as sexualidades, nossos modos de ser, as subjetividades sideralizadas.

A pesquisa foi orientada por intermédio das seguintes diretrizes ou questões: que mudanças as políticas de escrita e leitura on-line, traduzidas em variadas formas de narração de si, oportunizadas pelas redes sociais digitais, são desenvolvidas pelas pessoas conectadas? Que hábitos, comportamentos e valores são desenvolvidos a partir das políticas de promoção do sujeito, sobretudo dos corpos e das sexualidades, nas redes sociais digitais, pelas pessoas conectadas que passam a compartilhar detalhadamente a sua intimidade? De que maneiras essas políticas das narrativas de si, sobretudo sobre os corpos e as sexualidades, nas redes sociais digitais, produzem articulações entre cibercultura e educações?

A partir dessas questões, o objetivo principal da pesquisa foi identificar e analisar, especialmente nos escritos de Lévy, as articulações possíveis entre as narrativas pessoais em ambientes da internet centradas nos renovados processos de escrita e leitura on-line, nas políticas dos corpos e das sexualidades estimuladas pelas tecnologias de informação e comunicação, que tecem as redes entre cibercultura e educações. Esse objetivo geral foi acompanhado de três objetivos específicos: 1. Mapear nos escritos de Lévy os principais conceitos que fundamentam o estado atual da vida na cibercultura e discutir os processos de virtualização do texto, a construção do hipertexto, as práticas e os hábitos de escrita e leitura on-line, as características de um novo impulso da cultura

do texto digitalizado; 2. Analisar as políticas de produção e difusão de narrativas pessoais, especialmente nas redes sociais, como espaços ideais para exibição de si, das subjetividades instantâneas, dinâmicas e mutáveis, típicas da cibercultura e 3. Identificar as propostas e comportamentos que apontam políticas de virtualização dos corpos e das sexualidades, as construções e representações dos cibercorpos e das cibersexualidades nas redes sociais digitais.

Ao delinear o campo da pesquisa nessas bases, o pressuposto foi que a celebrada cultura de exibição de si na esfera pública, potencializada nas redes sociais digitais, pode apontar caminhos para a educação na era da cibercultura. As práticas de narrar e se exibir nos sites de relacionamentos podem sugerir dinâmicas de ensino e aprendizagem sob a lógica do compartilhamento das experiências íntimas, sobretudo sobre os corpos e as sexualidades, bem como sobre as maneiras dinâmicas e voláteis de se construir subjetividades em rede.

Procedimentos metodológicos

A análise de um contexto essencialmente complexo e dinâmico não pode ser reduzido a elementos simples. O que é importante em uma análise dessa natureza é a aceitação da heterogeneidade e a compreensão de que o exercício de flexibilidade exige um amplo espectro de referenciais. A observação, a investigação, a escuta, o entendimento e a descrição dessa complexidade se dão por óticas diversos. O papel do pesquisador é se aproximar, compreender o fenômeno, fazendo leituras do objeto, o que implica em uma postura aberta, pois vivemos uma realidade múltipla que requer a coexistência dos paradoxos, das diversidades, das alternâncias. Nesse contexto, a atividade de pesquisa na cibercultura requer orientações capazes de produzir um saber vivo, dinâmico, pulsante, em agitação ininterrupta, que não cesse de ser atualizado (FRAGOSO RECUERO; AMARAL, 2011).

Byington (1995) fala de uma perspectiva metodológica e epistemológica que reúne o objetivo com o subjetivo. De um lado, é preciso considerar que pesquisar é falar por si mesmo, da sua maneira, sem esconder ou escamotear sonhos, intuições e emoções, as motivações e o contexto existencial que permitem ao pesquisador tomar as decisões técnicas e estéticas do seu trabalho. De outro, é necessário reconhecer que a ciência não vai simplesmente

diminuir o seu rigor só para satisfazer emoções de pesquisadores. Por isso, este autor propõe uma visão integradora e a questão passa a ser a de como coordenar essa reunião. A sugestão é que a abordagem do conhecimento deve ser feita por meio de uma posição simbólica diante da realidade, pois o importante é descobrir a ligação da pesquisa com a vida e o desenvolvimento emocional da personalidade de quem pesquisa.

No caso específico de uma investigação teórica, como esta, e a partir destas orientações, a escolha foi priorizar a leitura atenta daquilo que dizem os autores, a compreensão das temáticas e dos argumentos desenvolvidos, as articulações desses saberes com as percepções do pesquisador. O pesquisador, com liberdade e autonomia, deve destacar os pontos fortes, acentuar este ou aquele aspecto e propor o acompanhamento que julgar mais pertinente e for do seu agrado. Essa é uma metodologia que solicita do pesquisador uma ótica especulativa no tratamento da pesquisa, sobretudo quando o que se pretende é entender as diversas modulações de um tema no contexto de uma teoria ou da obra de um autor específico.

Segundo Marcondes Filho (1995), o método, baseado nestes direcionamentos, deve ser composto de três etapas básicas e complementares. A primeira é um trabalho de “garimpagem”, em que se vai a um determinado campo, teórico, físico ou virtual, em busca de informações. Quando se conclui essa parte é que verdadeiramente começa o trabalho de pesquisa, pois o pesquisador já tem consigo o material em estado bruto e se pergunta o que fazer com ele. A segunda etapa, mais fecunda, consiste na operação criativa do trabalho científico, desenvolvido não pelo pesquisador isolado, preocupado em provar suas posições, mas em meio a um clima de discussão profunda, sequenciada e sistemática, entre seus pares, em grupos de estudo e pesquisa. Essa etapa é indispensável para a análise das informações obtidas com a pesquisa teórica e/ou empírica, para as dimensões interpretativas que serão adotadas pelo pesquisador. A terceira etapa consiste na elaboração objetiva de um escrito para a apresentação e difusão das descobertas, jamais consideradas acabadas, em eventos acadêmicos e publicações diversas. A preocupação não deve ser a de apresentar resultados, as tradicionais conclusões redondas, mas fazer inferências, apontar novas inquietações, abrir espaços para outras discussões e possíveis estudos. É preciso dar versatilidade e capacidade de adaptação a esse conjunto de ideias e saberes que não se completa e, por isso

mesmo, sempre está a nos motivar. É na força dessa dinâmica que a pesquisa deve encontrar a sua validade.

Essa orientação metodológica foi escolhida para a pesquisa, pois, como enfatiza Canevacci (2005, p. 8) o mais importante é adotar uma perspectiva de “descentralizar o método, multiplicá-lo em seu próprio agir e diferenciá-lo ao longo de narrativas assimétricas.”

Relato da pesquisa

Nos limites deste artigo, selecionei e relato aspectos do estudo que se destacaram na pesquisa e atenderam aos objetivos propostos. Essas questões são articuladas entre si e por meio delas dou ênfases a determinados aspectos considerados mais relevantes na discussão do problema investigado.

Os processos de escrita e leitura on-line

Quando Lévy (1999) descreve a emergência do ciberespaço e a rede de computadores como a infraestrutura técnica do virtual enfatiza uma nova cultura baseada em espaços de comunicação e sociabilidade, de organização e transação, de mercado e consumo, de produção e difusão de saberes. Essa cultura da rede solicita diversas interfaces entre o sujeito e as técnicas. O humano é convidado e estimulado a emergir com os cinco sentidos em mundos virtuais cada vez mais realistas, a vivenciar realidades ampliadas e inacabadas: o próprio ciberespaço:

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmo. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar os seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado; o ciberespaço em si. (LÉVY, 1999, p. 44)

Esse universo tecnocultural, nomeado como cibercultura, se desenvolve socialmente por meio da crescente virtualização da comunicação, pois a extensão do ciberespaço acompanha e acelera a virtualização da sociedade. Na era da informação on-line essa virtualização é um desprendimento dos suportes estáveis para os deslizantes fluxos comunicacionais, é a passagem dos suportes

físicos para os imateriais, baseados em velocidades e simultaneidades. (PELLANDA; PELLANDA, 2000) Os códigos de informações estão em constantes mudanças, não cessam de ser atualizados. A atualização constante, acelerada, é a própria condição da virtualização. Dai a importância em começar pela discussão sobre a virtualização do texto e a virtualização da leitura em ambientes digitais.

De acordo com Lévy (1996, p. 38), a escrita, o alfabeto e a imprensa, os modos de conhecimento teóricos e hermenêuticos passaram a prevalecer sobre a cultura oral. Mas durante muito tempo, essa ecologia cognitiva esteve presa num suporte estático: o papel, o jornal, o livro. Nesses suportes fixos, uma certa versão do texto se manifesta de modo fechado, integral. O leitor pode fazer anotações, recortar, colar, proceder montagens, interpretações. Todo esse processo “tradicional” de leitura é certamente dinâmico. Mas o texto impresso já chega realizado integralmente. É essa condição que sofre especial alteração com a virtualização.

Como enfatizou Chartier (1998), o texto impresso é uma herança da humanidade, pois ele foi escolhido como fonte principal para preservação e difusão da cultura. Esse suporte fixo tem uma longa história. Nos vários caminhos percorridos, dos *tablets* de argila, do rolo de papiro, do pergaminho, do manuscrito até o códex impresso, formato que conhecemos, considerado uma forma segura de preservar as experiências e conhecimentos, o texto exigiu determinadas práticas de alfabetização e leitura. A inovação da técnica de Gutenberg, no século XV, revolucionou a produção do texto, pois ampliou e democratizou a leitura, permitiu um acesso maior à informação por possibilitar um número maior de cópias e aumento de circulação. Mas agora, com a cibercultura, vivemos mais uma revolução: a evolução do escrito em formato eletrônico. (FURTADO, 2008) Agora, com texto em formato eletrônico, presenciemos um novo estágio do escrito, com mudanças muito mais profundas, pois apresenta maior rapidez e liberdade no ato de produção e disseminação dos saberes. Com ele, as funções, antes distintas, de escritor e leitor, se misturam e se confundem.

O aparecimento da escrita acelerou o processo de artificialização da cultura, a exteriorização e virtualização da memória. Mas agora, convertido num hipertexto aberto e dinâmico, alimentado por correspondências on-line, correndo em redes, fluído e desterritorializado, ele já não chega ao leitor de modo integral, acabado. É sempre um modo provisório, um rascunho a ser modificado e

aperfeiçoado, uma potencialização da informação. Ler significa selecionar, comentar, reescrever, atualizar e modificar permanentemente o escrito. Nesse sentido, Lévy (1996, p. 43) destaca que o suporte digital permite novos tipos de leitura e escrita: os processos coletivos. “Um *continuum* variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais.” Tornar o texto um hipertexto é uma virtualização, pois agora, em rede, todo texto é móvel, disponível, reconfigurado, permitindo diversas apresentações e possibilidades interpretativas.

Progressivamente o texto se converte em hipertexto. O hipertexto pode ser definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação criativa, pois a navegação é, ela mesma, uma maneira de criar e recriar textos e experiências não lineares de leituras em tela. (LÉVY, 1993, p. 29) Escrever e ler na cibercultura são estratégias de criação e modificação de textos e sentidos indeterminados. O texto agora é o escrito, assim como as imagens e os sons que o acompanham e o compõem. Então, o hipertexto é essa configuração aberta e fluída de diversas virtualidades acessíveis aos documentos da cultura tecnológica. Esse imenso hipertexto está em crescimento ininterrupto. (KENSKI, 2007)

Se o texto agora é uma multiplicidade de textos, escritos imagéticos e sonoros, acessados e modificados por qualquer um, estamos, pois, diante de um poderoso instrumento de escrita e leitura coletiva. É nesse sentido que autor e leitor se confundem, pois escrita e leitura trocam de papéis o tempo todo. Como escreve Lévy (1996, p. 46)

[...] todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta esse ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma do *corpus*. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita.

Na tela, o texto é sempre um devir, uma zona de trânsito para signos vetorizados e sideralizados. Ler significa ramificar,

espalhar-se indeterminadamente. É assim que cada sujeito, como destaca Sibilia (2008, p. 36), é incitado a aumentar o estoque de informação e a propor deciframentos subjetivos. É aqui, e por esse meio intertextual, que a vida se torna um relato e diferentes sociabilidades se desenvolvem de modo coletivo, em rede.

Desse modo, não é difícil perceber que os hábitos de escrita e leitura estão mudando e que a produção, transmissão e difusão dos textos virtualizados inauguram novas possibilidades de escrever e ler em ambientes digitais. Estamos, pois, diante de uma outra cultura que exige diferentes habilidades que podem ser observadas no conceito de letramento digital, que pressupõe o escritor e o leitor em contínua navegação. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2007)

Essas condições demonstram que o texto foi modificado tanto na sua estrutura morfológica quanto sintática. Não é por acaso que se fala tanto em participação, em intertextualidade e interatividade. Segundo Lévy (1993) a internet é uma tecnologia intelectual que virtualiza e democratiza a função cognitiva da escrita e da leitura. Na era digital, é esse texto móvel, como um caleidoscópico, que dobra e desdobra, gira e apresenta suas facetas frente ao leitor que não cessa de agir, significar e, por meio dele, se expressar. Trata-se da escrita e da leitura sem fronteiras, sem molduras e sem limites. (COUTO; OLIVEIRA; ANJOS, 2011)

Analisar e discutir essas configurações da escrita e da leitura on-line foram importantes para entender certos modos de ser e viver na cibercultura. (RAMAL, 2002) Elas constroem políticas e pedagogias de letramento digital nesses nossos tempos. Sem elas a pesquisa não poderia avançar para o estudo da crescente espetacularização das narrativas pessoais e coletivas nas redes sociais digitais, como exposto no tópico seguinte.

As narrativas de si nas redes sociais digitais

Na internet, uma boa maneira de identificar o prestígio de uma pessoa é observar a facilidade com que se faz ouvir, respeitar e ser levada em conta. Não por acaso as narrativas de si se multiplicam e encontram nas redes sociais digitais espaços importantes para acelerar e multiplicar as diversas possibilidades para cada um construir e dar visibilidade a si mesmo, a uma determinada percepção, defender e divulgar um ponto de vista. Nesse contexto, a abordagem desenvolvida na pesquisa foi a dos sujeitos conectados que estabelecem laços sociais e pedagógicos a partir das contínuas

emergências que caracterizam a vida on-line. O argumento defendido foi o de que nos sites de redes sociais, tão populares no Brasil e em plena expansão, o sujeito sempre conectado, fala alegremente de si, produz e divulga textos, imagens fotográficas e videográficas, comenta e pavoneia condutas pessoais, acadêmicas e profissionais. Esses hábitos borram tradicionais fronteiras como o de vida privada e pública, anonimato e celebridade, produtor e consumidor, ensinar e aprender. (TAPSCOTT, 2010)

Esse modo de viver a cibercultura, por meio das narrativas de si, muitas vezes é considerado por muitos pais e profissionais da educação formal como um problema. É como se as pessoas, mas sobretudo crianças e jovens, não conseguissem estabelecer limites e acabam publicizando em detalhe sua vida íntima, expondo modos de ser que podem colocá-los em riscos, criando vulnerabilidades a diversos tipos de agressões e crimes na rede. Não são poucas as vezes que alardeiam os perigos e defendem orientações para uma navegação segura. Os mais exaltados não cessam de defender e propor mecanismos de controles, como a vigilância dos adultos sobre os mais jovens ou mesmo tentativas de proibição a determinados sites nas escolas, *lan houses*, computadores pessoais, *tablets* ou *smartphones*, sobretudo das redes sociais digitais.

É possível perceber exageros e uma certa histeria que se espalha. A partir daí vivemos um paradoxo tipo da época: de um lado, pessoas seduzidas e instigadas a se mostrar ininterruptamente, narrando de modo aparentemente integral a vida na internet e, de outro, uma ávida obsessão em defender a privacidade e garantir mais segurança. Frente a esse problema, a pesquisa problematizou tais discursos e posturas, em especial a noção de privacidade, e defendeu a ideia de que a privacidade é uma espécie de administração daquilo que cada um deseja ou não publicizar de si mesmo, como defende Bauman (2011) e que as práticas crescentes das narrativas de si nas redes sociais digitais são maneiras criativas e generosas de compartilhar a vida, produzir e difundir conhecimentos na cibercultura.

Nesses tempos de cibercultura avançada, somos estimulados ininterruptamente à exposição, à popularidade e à incontinência verbal. Parece que a introspecção cedeu lugar à exibição de si. Não existe mais lugar para pessoas tímidas, quietas, ensimesmadas, capazes de cultivar e preservar segredos em sua própria redoma. Agora vivemos uma espécie de desabrochamento contínuo e o

privado invade a cena pública. Todos são incitados a emitir opiniões, rotular, avaliar e classificar as informações, a comentar isto e aquilo, a narrar acontecimentos e experiências emocionais. Essas ações cotidianas traduzem o que Shirky (2011) chama cultura da participação.

Com as experiências cada vez mais populares de escrita e leitura na rede, onde a linearidade cedeu lugar a hipertextualidade, hoje em dia, qualquer pessoa pode narrar suas histórias e compartilhá-las através da internet. (SIBILIA, 2008) Com a internet foi possível inaugurar e expandir sideralmente o ideal participativo. Agora, eu, você, todos nós, transformamos a era da informação. Cada um, simultaneamente, consome, produz e difunde conteúdos. O conteúdo deixa de ser produzido apenas pelos profissionais e passa a ser construído e difundido por cada usuário que, ao mesmo tempo, se torna autor. A consequência é que vivemos um estouro de criatividade e de presença midiática nos blogues, sítios de compartilhamento de vídeos e sons, nas redes sociais digitais de relacionamentos.

Nesse contexto, rapidamente, as chamadas redes sociais na internet (RECUERO, 2009), seduzem milhares de pessoas no mundo inteiro. No Brasil as quatro redes mais conhecidas fazem imenso sucesso. Nos últimos anos vivemos o crescimento acelerado de participantes no Orkut, Facebook, Twitter e, recentemente, no Google+. Essas redes despertam imenso fascínio na população porque se tornaram rapidamente fonte privilegiada de sociabilização digital. Essas redes são espaços para a popularização de diversas narrativas de si que favorecem os intercâmbios coletivos e pessoais, pois possibilitam aos sujeitos viverem estimulantes relações para além das suas comunidades locais. São redes de invenção e exibição de subjetividades onde cada um festeja a vida e os modos de existir por meio de múltiplas conexões consigo e com os outros.

De acordo com a definição de Santaella e Lemos (2010, p. 7) as redes sociais na internet são

[...] plataformas-rebentos da web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas como a wikipédia, *blogs*, *podcasts*, o You Tube, o Second Life, o uso de *tags* (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como o Del.icio.us e de fotos como o Flickr e as redes sociais na internet, entre elas o Orkut, My Space, Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para *microblogging*.

Nas redes sociais, a produção de narrativas pessoais se popularizou rapidamente nos últimos anos (COUTO; ROCHA, 2010). Cada vez mais as pessoas, em especial os jovens, narram e exibem cada detalhe do cotidiano e da intimidade, e estas redes se tornaram o lugar da megalomania e das excentricidades dos sujeitos sempre conectados. Segundo Castells (2005), vivemos a era que integra no mesmo sistema diferentes modalidades narrativas e funde o escrito, o oral e o audiovisual. Com a web 3.0 a internet migra de um espaço de pesquisa e consumo de informação para um ambiente generalizado de comunicação, troca livre de informações e publicações.

Esse ambiente generalizado de comunicação encontra nas redes sociais digitais lugar privilegiado. Nessas redes cada um vive o fascínio de promover o eu, exibir seus gostos, preferências, narrar suas intimidades. (SIBILIA, 2008) É inevitável o borramento de fronteiras entre o público e o privado quando o que conta e importa é o pavoneamento de si nos ambientes on-line. Por meio de renovados recursos de narração e publicação as pessoas se tornam autoras e fornecedoras de informações, divulgam seus escritos e imagens, fotografias e vídeos, comentam as publicações dos amigos, fazem dos ambientes virtuais intensos e criativos espaços de trocas aceleradas de saberes, constroem referências entre os usuários e ampliam suas relações pessoais, profissionais e culturais. Nesse sentido, as redes sociais digitais contribuem com a expansão dos vínculos sociais e valorizam a colaboração entre seus membros. Agora todos são estimulados a participar, contribuir, tirar dúvidas, emitir opiniões, criticar, reclamar, denunciar, festejar experiências, falar de si, compartilhar novidades e quererem. (SANTANA; COUTO, 2012)

As redes sociais digitais se configuram como mídia social que uniu o acesso móvel à temporalidade *always on*, permitindo o emaranhamento de fluxos informacionais e o desenho colaborativo de ideias em tempo real, transformando e acelerando as técnicas globais de mente coletiva. (LEMOS; LÉVY, 2010) Estão em evidências as tecnologias do tipo P2P (*peer to peer*, de igual para igual), os relacionamentos descentralizados, horizontais, as mensagens em tempo real. Essas experiências formam o que Kerckhove (2009) denomina de inteligência conectiva. A rápida polarização das redes sociais na internet pode ser explicada pela potência criativa da inteligência conectiva, da mobilidade para a comunicação online, instantânea, em tempo real, do compartilhamento continuado

das vivências, da promessa do perpétuo estar juntos. Tudo isso potencializa o âmbito da exposição de conteúdos de caráter privado, íntimo, transposto para a dimensão daquilo que é público por meio da internet. Agora cada um existe a partir da sua capacidade de se fazer visível nos ambientes digitais. Esse fato é tão intenso quanto a influência da internet na vida de seus usuários, os quais também legitimam o processo, visto que os internautas são os responsáveis pela socialização das informações sobre suas vivências, seja por meio de imagens, sons ou textos. Independente de serem verdadeiras, falsas ou fantasiosas, as muitas narrativas de si são expressões reais, ao menos, dos verdadeiros desejos desses sujeitos.

Parece que a exibição de si, na rede, atende a uma demanda atual. Ao mesmo tempo em que a completa espetacularização da intimidade remete aos desejos imediatos e aos gozos fáceis, também demonstra que os sujeitos tratam de compreender os acontecimentos e o mundo, reinventam, inovam a si mesmos e as suas experiências de vida. Essas práticas expressivas de si proliferam como expansão social. Isto significa, dentre outras coisas, que a forma por excelência pela qual cada sujeito se constrói na cibercultura é compartilhando sua intimidade. A máxima do nosso tempo é: não basta vivenciar, é preciso compartilhar cada desejo e experiência. É nesse sentido que a vida privada agora só faz sentido se for ao mesmo tempo publicizada.

Lemos e Lévy (2010) dizem que as redes sociais digitais e as práticas narrativas de si são uma nova maneira de fazer sociedade e que hoje já se tornou difícil encontrar um internauta que não participe ativamente dessas agregações sociais on-line. As redes sociais digitais são modos fecundos de construção da inteligência coletiva. (LÉVY, 1998).

As narrativas de si nas redes sociais que priorizam os corpos e as sexualidades

Em toda parte, mas sobretudo nas redes sociais digitais, o corpo ocupa o centro das atenções, é narrado e exibido de diversas maneiras. Vivemos uma transmutação que sobrevive em um progressivo *upgrade* corporal promovido e festejado em nome da eficiência, da beleza, da juventude, da boa forma, do gozo eterno, da saúde total. As técnicas de maximização de si mesmo também promovem confusões de gênero e sexualidade. Agora tudo, absolutamente tudo, é sexual e todos estão prontos e tecnologicamente

potentes para jogos e aventuras. Os estereótipos sexuais estão em toda parte. A política, a ciência, os esportes, toda a cultura está no sexo. A estetização é geral. O sexo se estetiza na publicidade e na pornografia que a tudo contaminam e seduzem. Mas quando tudo passa a ser sexual, como escreve Baudrillard (1992), é porque nada mais é sexual: o sexo perde toda a determinação e a confusão passa ser uma lei nas variantes triviais da encantação sexual.

No campo das sexualidades, as interfaces tecnológicas aceleram o prazer diante das confusões dos gêneros, da diversidade sexual e da indiferença do sexo como gozo. Tradicionais fronteiras como masculinidade e feminilidade, homem e mulher, se hibridizam (LOURO, 2004). A cultura de alta tecnologia desafia e ironiza esses dualismos, deixando de lado tradicionais diferenças. A virtualização da sexualidade é a realidade do sexo que não está mais no sexo, mas no excesso publicitário e teatral, com todas as suas festejadas e reivindicadas ambiguidades, na circulação sideral dos signos e na multiplicidade inflacionária dos prazeres. Vivemos a era da exigência sexual ilimitada, da exigência urgente e total do gozo. A sedução está em todo lugar, como um serviço, e o sexual é apenas a atualização, por meio de próteses cirúrgicas, químicas ou de comunicação, de preferência em ambientes digitais, de um desejo sem fim que contamina corpos animados e inanimados, de modo imperativo. Na cibercultura, essa é a forma de realização plena das sexualidades: o sexual é apenas um modo de aparecimento, um brilho efêmero e arrebatador dos corpos, turbinados pelas tecnologias, nas carícias sem fim das telas, de preferência nas redes sociais digitais (COUTO, 2012).

Sexualidades sem corpo, sem relacionamentos físicos. Afinal, o que se espera é que o prazer seja algo autossustentável e autosuficiente. Um ir e vir nos circuitos eletrônicos, cujo gozo é a pura circulação entre os terminais eletrônicos. As sexualidades sem corpo são sempre de passagem e, por isso mesmo, espetacularizadas em redes e códigos livres para acessos múltiplos. A extensão do domínio publicitário das sexualidades depois do sexo também se transformou em bem de consumo. Cada um agora é estimulado a escolher, comprar, experimentar e descartar as sexualidades circulantes e sedutoras, disponíveis e valorizadas pelo mercado on-line. Uma espécie de auto serviço. Todos os modelos e possibilidades até então criadas estão disponíveis e cada um deve se servir à vontade, obter o máximo de gozo, mostrar-se à altura dos

desempenhos sexuais ranqueados no quadro, sempre atualizado, das proezas sensacionais. Não por acaso o produtivismo do gozo tomou conta das narrativas de desempenho nos mais diversos ambientes da internet. As sexualidades sem corpo são proezas que incitam a superlibido – talvez uma forma de *savoir-faire* – em novas e desafiantes poéticas tecnológicas erotizadas.

Se é possível falar do sexo além do sexo é porque o corpo, de certo modo, não está mais no corpo, pelo menos no corpo físico. Nesse sentido, Lévy (1996, p. 31) destaca que “cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado”. De modo igual, cada manifestação de sexualidade, cada jogo sexual individual torna-se parte integrante de uma hipersexualidade híbrida e mundializada, para além das fronteiras corporais. Essa condição é o que Le Breton (1999) denominou de cibersexualidade ou erotismo sem corpo, pois agora nos meios telemáticos a presença carnal do outro não é mais necessária. Então, nas redes sociais digitais, as narrativas de si proliferam pela sedução, pelo gozo, pela sexualidade borbulhante. O sexo deixou de ser sexo, se transformou também em texto, no caso, em hipertexto, aguardando combinações sensoriais que permitem a estimulação contínua na esfera pública, a partir das experiências transcorporais e transexuais.

Nessa perspectiva, o texto, a narração, substituiu o sexo e faz a economia do corpo. A excitação deixou de ser corporal, passou a ser verbal. O entusiasmo sedutor se concentra na textualidade, no disse-que-disse, nas narrativas que se dispersam nas redes sociais, sem começo e sem fim. Essa cibersexualidade trata mais de uma performance excêntrica nos ambientes da rede do que daquilo que de modo real ou imaginado pode ter sido vivido por alguém. A virtualização da sexualidade é a reinvenção contínua do sexo além do corpo, na multiplicação, na vetorização heterogênea do humano construído e sideralizado em múltiplas e fascinantes narrativas de um sexo absoluto e obsceno, isto é, fora da cena do corpo físico. A virtualização da sexualidade é esse brilho efêmero nas narrativas de si sobre seduções e gozos eternos e absolutos que circula entre as redes onde os sujeitos produzem as suas identidades e subjetividades inventadas.

A pesquisa explorou essa condição de que a sexualidade já está fora do corpo porque o corpo mesmo também está fora do corpo, também se tornou um brilho publicitário, um efeito do *marketing*,

um corpo-chama na dimensão dispersa da rede. É o que escreve Lévy (1996, p. 33):

Meu corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hipercorpo híbrido, social e tecnobiológico. O corpo contemporâneo assemelha-se a uma chama. Frequentemente minúsculo, isolado, separado, quase imóvel. Mais tarde, corre para fora de si, intensificado pelos esportes ou pelas drogas, funciona como um satélite, lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu, ao longo de redes de interesses ou de comunicação. Prende-se, então, ao corpo público e arde com o mesmo calor, brilha com a mesma luz que outros corpos-chamas. Retorna em seguida, transformado, a uma esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora aqui, ora em toda parte, ora em si, ora misturado. Um dia, separa-se completamente do hipercorpo e se extingue.

Os corpos, os sexos e as sexualidades passam a ser, cada vez mais, o que é compartilhado nas redes sociais digitais. Pois nelas são construídas as redes de contato, de amigos, amantes e de relações, a troca de mensagens e o compartilhamento das paixões e dos gozos. Os encontros amorosos se dão pela tagarelice e as operações de *marketing* produzem os aventureiros jogos sexuais em meios as ininterruptas narrativas espetaculares. Nesse universo, as atividades cotidianas e os desejos, imaginados ou precariamente realizados, precisam circular. Por isso, escrevem Lemos e Lévy (2010, p. 12) “as redes sociais online tornam-se cada vez mais “táteis”, no sentido em que é doravante possível sentir continuamente o pulso de um conjunto de relações”.

Com base nas observações desses estudiosos foi possível observar comportamentos que passaram a fazer parte de uma grande maioria dos usuários das redes sociais: ao fazer circular as opiniões, ou distribuir informações, são os corpos turbinados pelas mais diversas tecnologias promotoras da beleza, da boa-forma, da saúde e do desempenho, são as manifestações efêmeras da sedução e do gozo que ocupam o pódio das narrativas de si. A partir daí, nenhum beijo, nenhuma carícia, nenhum orgasmo faz mais sentido se não for minucioso e repetitivamente narrado e exaltado das mais diversas maneiras para o deleite de milhares de pessoas.

Como escreve Lipovetsky (2007, p. 303-304) vivemos agora, nesse turbilhão da vida pessoal narrada incessantemente nas redes sociais digitais um “projeto político de desabrochamento corporal

e erótico universal”, baseado na crença em “um progresso ilimitado, uma evolução ininterrupta, irreversível, universal, rumo à felicidade erótica”. Esse projeto, de muitas maneiras já realizado e, ao mesmo tempo, em plena expansão, revela o fenômeno triunfante das nossas ininterruptas reciclagens e reconfigurações nos ambientes da rede.

Algumas conclusões

Diante da complexidade das relações humanas na cibercultura nada mais em evidência do que o prazer de narrar a si mesmo e, por meio delas, construir subjetividades deslizantes. A sofreguidão do eu narrador parece encontrar no escancarado de si os modelos perseguidos de repercussão pública. Agora, em toda parte, exalta-se o fazer, falar e mostrar-se, como modo de emancipação. É aqui que cada um se inventa, se coloca como protagonista dos relatos intermináveis e parece escolher fazer parte desse show de intimidades nas sideralidades das redes sociais digitais. E quanto mais a intimidade invade e colore o âmbito público mais é valorizada e solicitada. Um certo tom intimista toma conta de tudo e é por ele que, sempre fascinados, bisbilhotamos e consumimos alegremente vidas alheias. E, da mesma maneira, oferecemos a nossa vida, transparente, lisa e brilhosa para o consumo extravagante das maiorias borbulhantes conectadas.

Alguns aspectos dessa discussão merecem ser ressaltados e apontam um conjunto de conclusões ou, se preferirmos, de consequências. Destacamos três delas. A primeira diz respeito às políticas de escrita e leitura on-line, desenvolvidas a partir da hipertextualidade, que apontam dinamismos diversos nas maneiras como lidamos com o texto, composto de imagens e sons, dos domínios da rede. Com a pesquisa foi possível concluir que na cibercultura o letramento digital é condição necessária para formar sujeitos para a cibercidadania, pois cada vez mais escrever e ler são atividades que envolvem múltiplas habilidades de produção de sentido, a partir das possibilidades ilimitadas de um texto sempre aberto e em constante construção. Não se trata mais de interpretar um texto pronto, mas de explorar caminhos possíveis, de agir sobre o escrito, de ler de diferentes maneiras, de ampliar as informações, selecionar, reescrever, opinar, avaliar e difundir as provisórias e sempre metamorfoseadas observações. A escrita e a leitura on-line

não estão mais sob o controle de um determinado autor ou empresa que comercializa um produto, um livro, por exemplo. Na cibercultura, escrever e ler em ambientes digitais significam produzir vozes de modo livre e independente, pois cada sujeito é estimulado a reconfigurar as políticas e as prática de produção e difusão de sentidos nos seus ambientes de rede. Daí a crescente valorização da livre expressão para escrever, ler e difundir, simultaneamente, de modo colaborativo e participativo, as informações e saberes.

A segunda conclusão a ser destacada é a de que essas práticas de escrita e leitura on-line alimentam e estimulam as narrativas de si nas redes sociais digitais. Pessoas em todas as fases de vidas descobrem alegremente os prazeres das narrativas pessoais e multiplicam suas plateias, o alcance dos seus relatos, pois sujeitos ávidos pelas informações continuamente compartilhadas estão nos mais diversos ambientes da rede. Com o estudo foi possível perceber que as excentricidades infinitamente narradas por qualquer um estimulam também a participação, o aumento da diversidade, da pluralidade, da diferença, da liberdade. A promoção da exibição de si é um estratégia também de promoção de comportamento e valores que ressaltam as inteligências associadas, o debate continuado e interminável de qualquer tema de interesse ou experiência vivida. Desse modo, as narrativas pessoais não devem ser vistas apenas sob a ótica de um possível narcisismo acentuado dessa época de conexões velozes. Elas oferecem, igualmente, um frescor na breve capacidade de criar e se expressar, nos modos pelos quais se tornou possível, em rede, construir identidades e subjetividades borbulhantes.

A terceira conclusão a ser destacada é a de que, nesse contexto das popularização das narrativas de si na internet, especialmente, nas redes sociais digitais, as representações dos corpos e das sexualidades ocupam o pódio dos interesses de milhares de pessoas. E talvez isto tenha se tornado fascinante porque multidões perceberam que podem construir e difundir diversas representações dos corpos e das sexualidades como um brilho efervescente e publicitário de si mesmo. Isto significa que tanto os corpos com as diversas sexualidades desejadas, imaginadas ou vividas também são da ordem do imaginário, transitório, multidirecional, velozmente renovado. Nenhuma forma é satisfatória, nenhuma conquista é suficiente. O projeto é a regra, metamorfosear-se é o destino.

Plugar-se e estabelecer variadas conexões são modos de ser que fazem parte de um complexo e instável circuito demarcado pela fluidez das interfaces.

Finalmente, com a pesquisa, foi possível afirmar que, sendo desvendados, redesenhados e publicizados de inúmeras maneiras, os corpos e as sexualidades nos domínios das redes digitais não conhecem consensos. Esses são campos triunfantes de aventuras subjetivas marcados por polêmicas aparentemente intermináveis. Estamos, pois, diante de fecundos desafios para os estudos sobre corpos, gêneros e sexualidades e para as práticas de educações que considerem essas transformações aceleradas, dinamizadas e circulantes no contexto da vida digital.

Private life in the public sphere: narratives of bodies and sexualities in digital social networks

Abstract: This paper shows the results of a theoretical research in the field of education considering personal narratives, particularly those highlighting bodies and sexualities, in digital social networks. The theoretical field of investigation was the cyberculture, and the objective was to analyze the multiple processes of virtualization of digital narratives, bodies and sexualities that weave networks between cyberculture and education. The research was focused on three complementary topics: 1. the policies of writing and reading in digital environments; 2. the policies of narratives themselves on internet; and 3. the policies of bodies and sexualities in digital social networks. These three topics constituted theoretical conceptual arguments to think about the problems selected, and are mainly supported by the work by Pierre Lévy, one of the key thinkers that have addressed the ways of life in connected societies. The study concluded that the connective intelligence does not only change our writing and reading habits, but also bodies, sexualities, our ways of being, the subjectivities in digital environments.

Keywords: Education and Cyberculture; Digital social networks; Online reading and writing; Personal narratives; Bodies and sexualities.

Referências

- BYINGTON, Carlos Amadeu. A pesquisa científica acadêmica na perspectiva da pedagogia simbólica. Em FAZENDA, Ivani (Org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Terramar, 1992.
- BAUMAN, Zygmund. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas*. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. 1.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carnello C. de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital*. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed., Belo Horizonte, Ceale/Autêntica, 2007.
- COUTO, Edvaldo Souza. *Corpos voláteis, corpos perfeitos*. Estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012.
- COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito (Org.). *A vida no Orkut*. Narrativas aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.
- COUTO, Edvaldo Souza; OLIVEIRA, Marildes Caldeira de; ANJOS, Raquel Maciel Paulo dos. Leitura e escrita on-line: In: BONILLA, Maria Helena; PRETTO, Nelson De Luca (Org.). *Inclusão digital*. Polêmicas contemporâneas. Salvador, EDUFBA, 2011.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FURTADO, José Afonso. *Livro e leitura no novo ambiente virtual*. Disponível em: www.educ.fc.ul.pt/hiper/resources/afurtado Acesso em: 15 jul. 2008.
- KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias*. O novo ritmo da informação. Campinas: Papyrus, 2007.
- KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*. São Paulo: Editora Annablume, 2009.
- LE BRETON, David. *L'Adieu au corps*. Paris: Métailié, 1999.
- LE MOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. Por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.

- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOURO, Guacira Louro. *Um corpo estranho*. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. O método. Em *Atrator Estranho*. NTC, ECA-USP, número 15, junho de 1995.
- PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.) *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- RAMAL, Andrea. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura e escrita na aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre:, Sulina, 2009.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu*. A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital*. Como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais. A cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- SANTANA, Camila; COUTO, Edvaldo Souza. A publicização da vida privada no Twitter. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2012,
- SHIRKY, Clay. *A cultura da participação*. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro:, Zahar, 2011.

Recebido: 09/10/21013 Aprovado 24.04.2014